

«Leia este
livro e será capaz
de jurar que foi
escrito só para si!»

Lisa Kleypas

O Diabo usa Kilt

TERESA

Autora bestseller do New York Times e do USA Today

MEDEIROS

TOP
SEL
LER

Às nossas belas sobrinhas, Jennifer Medeiros e Maggie Marie Parham. A vossa graciosidade, compaixão para com terceiros e amor ao Senhor são uma inspiração permanente para mim.

Para o meu Michael, que faz de todos os dias da nossa vida um sonho tornado realidade.

❧ Capítula 1 ❧

— **O**lhem só para a rapariga, coitada! Toda ela treme de alegria.

— E quem poderá censurá-la? Provavelmente sonhou com este dia a vida inteira.

— Ora, é o sonho de qualquer rapariga, não é verdade? Casar com um fidalgo rico capaz de satisfazer todos os seus desejos?

— Deveria considerar-se afortunada por ter conseguido arrebatado um tão extraordinário partido. Com todas aquelas sardas, não é exatamente uma Grande Beleza.

— Era capaz de apostar que ela não conseguiria branqueá-las com um frasco inteiro de *Gowland's Lotion*¹! E o tom acobreado do cabelo dá-lhe um aspeto um tudo-nada vulgar, não acha? Ouvi dizer que o conde a conheceu em Londres durante a sua terceira e última temporada social, numa altura em que estava prestes a perder toda a esperança de encontrar um marido. Dizem que já tem um ano para lá dos 20, veja lá.

— *Não!* Assim tão terrivelmente velha?

— Sim, foi o que ouvi dizer. Estava mesmo à beirinha de ficar para tia, é o que lhe digo, e foi então que o senhor das nossas terras a viu sentada com outras solteironas e mandou um dos seus homens chamá-la para dançar.

¹ Loção para a pele famosa durante o período da Regência Britânica. [N. T.]

Embora continuasse a olhar em frente e procurasse a todo o custo ignorar os sussurros inflamados das duas mulheres que mexericavam no banco da frente da abadia, Emmaline Marlowe não podia negar que era verdade o que diziam.

Sonhara com aquele dia a vida inteira.

Sonhara estar diante de um altar e a prometer o coração e a fidelidade eterna ao homem que adorava. Nunca conseguira vislumbrar claramente o rosto dele nesses sonhos nevoentos, mas não havia como negar a paixão que ardia nos seus olhos quando prometia amá-la, honrá-la e respeitá-la para o resto dos seus dias.

Baixou o olhar para o trémulo ramalhete de urze seca que tinha na mão, grata por saber que os sorridentes curiosos que apinhavam os bancos compridos e estreitos de ambos os lados da nave central da igreja atribuíam os seus tremores à jubilosa expectativa que assaltava qualquer jovem noiva prestes a proferir os votos de casamento. Ela era a única pessoa que sabia ter mais que ver com o frio que parecia permear as pedras antigas da abadia.

E o seu coração.

Olhou de relance para o cemitério através das altas e estreitas janelas da abadia. O céu pairava sobre o vale, plúmbeo e carregado, e o dia parecia mais de pleno inverno do que de meados de abril. Nos ramos esqueléticos dos carvalhos e olmos ainda não despontava um único rebento verde. Do solo pedregoso surgiam lápides instáveis, com os epitáfios esbatidos devido à agressão incessante do vento e da chuva. Emma perguntou-se quantas daquelas mulheres que repousavam debaixo de terra haviam sido noivas como ela, jovens mulheres cheias de esperanças e fantasias, frustradas demasiado cedo por escolhas de terceiros e pela ineludível marcha do tempo.

As escarpas recortadas da montanha elevavam-se sobre o cemitério como monumentos de uma era ainda mais primitiva. Aquelas regiões das Terras Altas escocesas, das quais o inverno

se recusava teimosamente a abrir mão, pareciam estar a um mundo de distância das suaves colinas de Lancashire onde ela e as irmãs adoravam brincar em ledo abandono. Colinas que já estariam verdes e viçosas, anunciando a primavera e chamando de volta a casa todo o viajante que tivesse tido a imprudência de as abandonar.

A minha casa, pensou Emma com o coração tomado por uma contundente pontada de dor. Um lugar a que deixaria de pertencer depois daquele dia.

Lançou um olhar rápido de pânico por cima do ombro e viu os pais sentados no banco da família Hepburn a olharem para ela com os olhos marejados de lágrimas, radiantes de orgulho. Emma era uma boa menina. Uma filha dedicada. Aquela com que sempre haviam contado para servir de modelo às três irmãs mais novas. Elberta, Edwina e Ernestine estavam sentadas ao lado da mãe, encostadas umas às outras, cada uma com o seu lenço a limpar os olhos inchados. Se Emma fosse capaz de se convencer de que era por felicidade que a família carpia, seria mais fácil suportar as lágrimas que vertia.

As mulheres retomaram a conversa, soltando suspiros afetados e interrompendo a sua linha de pensamento.

— Olhem só para ele! Continua a ser muito bem-apegoado, não acha?

— Sem dúvida! Enche-nos o coração de orgulho. E dá para ver que adora a rapariga.

Incapaz de continuar a negar a inevitabilidade do seu destino, Emma voltou-se de novo para o altar e levantou os olhos, acabando por cruzá-los com o olhar extremoso do noivo.

Depois baixou-os, ao lembrar-se de que era quase um palmo mais alta do que o seu engelhado prometido.

Ele levantou a cabeça e lançou-lhe um sorriso rasgado que por pouco não deslocou os dentes de porcelana mal assentes na boca. As bochechas quase desapareceram quando ele sugou os dentes de volta para a boca com um estalido que pareceu

ecoar pela abadia com o estrépito de um disparo. Emma engoliu em seco, na esperança de que as cataratas que turvavam os remelosos olhos azuis do noivo lhe tolhessem suficientemente a visão para que confundisse aquele esgar de aversão com um sorriso.

A compleição atrofiada do homem estava adornada com toda a variedade de insígnias próprias da sua condição de proprietário das terras de Hepburn e de chefe do Clã Hepburn. Uma ondeante faixa de tartã² engolia-lhe quase completamente os ombros curvados. O *kilt*³, à medida e a condizer, revelava-lhe os joelhos, ossudos como um par de maçanetas de marfim. Uma bolsa de couro surrada, uma peça de cerimónia com fragmentos cada vez mais pelados, tal como o seu crânio, pendia-lhe entre as pernas.

As duas velhas mexeriqueiras tinham razão, dizia Emma para consigo com severidade. O homem era um conde, um fidalgo extremamente poderoso de quem se dizia ter o respeito dos seus pares e a confiança do rei.

Era dever dela para com a família — e para com a sua fortuna em rápida delapidação — aceitar o pedido de casamento do conde. Afinal, o pai não tinha culpa de ter sido amaldiçoado com um chorrilho de filhas, em vez de abençoado com filhos que poderiam ter partido e feito as suas próprias fortunas no mundo. Que Emma tivesse chamado a atenção do Conde de Hepburn antes de vestir o monótono manto de solteirona fora um extraordinário golpe de sorte para todos. Graças ao generoso preço que o conde já tinha pagado ao pai de Emma pela sua mão, a sua mãe e as irmãs nunca mais teriam de acordar sobressaltadas com a aterradora algazarra dos credores a baterem à porta do seu

² Tecido de lã, feito com padrões axadrezados e linhas de cores diferentes, utilizado no traje típico escocês como símbolo de pertença a um determinado clã. [N. T.]

³ Saia de pregas, em tecido de lã e com padrão axadrezado, característica do traje típico escocês masculino. [N. T.]

solar decrépito ou de passarem cada momento acordadas com medo de serem levadas para um asilo de pobres.

Emma seria, porventura, a mais bela de todas as irmãs Marlowe, mas não era atraente ao ponto de poder recusar um tão ilustre pretendente. Durante a extenuante viagem que tinham feito para chegar àquele canto isolado das Terras Altas, a mãe de Emma falara de cada detalhe da boda que se avizinhava com uma animação imparável. Quando chegaram aos contrafortes ondeantes das montanhas e viram finalmente a casa do conde, as irmãs de Emma abriram diligentemente a boca de espanto e admiração, sem perceberem que essa inveja fingida era mais dolorosa para Emma do que qualquer franca demonstração de piedade.

Ninguém poderia negar o esplendor do velho castelo anichado à sombra do imponente penhasco de Ben Navis, cujo cume se cobria de neve — um castelo que acolhera os lordes de Hepburn e as suas noivas durante séculos. Quando o dia acabasse, Emma seria a dona do castelo e a mulher do conde.

Ao pestanejar para o noivo, Emma esforçou-se por transformar o esgar num sorriso genuíno. O provento homem fora a personificação da simpatia para si e para a sua família desde que a avistara do outro lado do apinhado salão de cerimónias públicas durante um dos últimos bailes da temporada social. Em vez de enviar um emissário em seu lugar, fizera ele próprio a longa viagem até Lancashire para a cortejar e procurar a bênção do seu pai.

Comportara-se como um verdadeiro nobre durante as suas visitas, sem nunca fazer qualquer comentário sobre o decadente salão com o tapete surrado, o papel de parede a descolar e a mobília mal combinada, ou lançar um olhar altivo para um dos vestidos antiquados e cheios de retalhos de Emma. A julgar pelo charme cortês e pela atitude galharda do conde, poder-se-ia pensar que estava a tomar chá na Carlton House com o Príncipe Regente.

Tratara Emma como se ela fosse já uma condessa e não a filha mais velha de um baronete empobrecido, a uma aposta azarada de distância apenas de ir parar ao asilo de pobres. E nunca chegara de mãos vazias. Um laçao com ar severo seguia-o sempre um passo atrás, com os braços robustos carregados de presentes: leques pintados à mão, contas de vidro e coloridos painéis de moda para as irmãs de Emma; sabonetes de lavanda vindos de França e belas peças de musselina e cetim para a mãe; garrafas do melhor whisky escocês para o pai, e edições das *Canções de Inocência* de William Blake encadernadas a pele ou o último romance de Fanny Burney para a própria Emma. Podiam não passar de bugigangas para um homem com as posses do conde, mas tamanhos luxos eram raros no solar dos Marlowe havia muito tempo. A generosidade do conde levava um rubor de prazer às bochechas lívidas da mãe de Emma e arrancara genuínos gritos de excitação das suas irmãs.

Emma devia gratidão e lealdade ao homem, se não mesmo o seu coração.

Além disso, quanto mais tempo poderia ele viver?, pensou ela com uma pontada desesperada de culpa.

Embora se dissesse nos mentideiros que o conde tinha quase 80 anos de idade, parecia estar mais próximo dos 150. A julgar pela palidez macilenta e soluços de tísico que pontuavam cada arquejo, poderia não sobreviver sequer à noite de núpcias. Ao sentir o hálito fétido do conde chegar-lhe às narinas, Emma estremeceu, com receio de que ela própria não acordasse na manhã seguinte.

Quase como se tivesse lido um dos amargos pensamentos de Emma, uma das mulheres sentadas no banco da frente sussurrou com afetação:

— Uma coisa que se poderá dizer do nosso senhor é que deverá ter bastante experiência em satisfazer uma mulher.

A mulher ao seu lado não conseguiu abafar um ronco porcino.

— Terá com certeza. Sobretudo porque já enterrou três mulheres e todas as crianças que elas produziram, já para não falar da catrefa de amantes que teve.

A imagem do provector noivo agarrado aos seus lábios numa embaraçosa paródia de paixão provocou-lhe novo arrepio pela coluna. Ainda não tinha recuperado totalmente da conversa com a mãe, no decurso da qual tivera de ouvir as suas instruções dolorosamente detalhadas sobre o que se esperaria dela na noite de núpcias. Como se o ato descrito não tivesse sido já bastante horrendo e humilhante, a mãe informara-a também de que se ela virasse a cara e se retorcesse um pouco debaixo dele, os esforços do conde terminariam bastante mais depressa. Se as suas atenções se tornassem demasiado penosas, ela deveria fechar os olhos e pensar em algo agradável — como um nascer do sol particularmente encantador ou um tabuleiro de bolachas de açúcar acabadas de fazer. Quando ele terminasse, ela teria a liberdade de baixar a bainha da camisa de noite e adormecer.

Liberdade, ecoou o coração de Emma com uma palpação de desespero. Depois daquele dia, nunca mais voltaria a ter liberdade.

Emma desviou os olhos do rosto esperançoso do noivo e viu o sobrinho-neto do conde a olhar para ela, de cenho franzido.

Ian Hepburn era a única pessoa na abadia que parecia tão infeliz por fora como ela se sentia por dentro. Com as sobrancelhas carregadas, a covinha no queixo e o cabelo escuro e liso apinhado na nuca com uma fita de cetim, poderia ser um homem bem-parecido; mas, naquele dia, a beleza clássica dos seus traços estava manchada por uma emoção perigosamente próxima do ódio. Ian não aprovava aquela aliança, sem dúvida com receio de que o corpo jovem e núbil de Emma viesse a produzir um novo herdeiro de Hepburn e privá-lo da sua herança.

Enquanto o padre seguia com a costureira cantilena e lia o Livro de Oração Comum, Emma olhou novamente por cima do ombro e viu a mãe a virar a cara para o casaco do pai como se

já não fosse capaz de suportar a cerimónia. As irmãs fungavam mais intensamente a cada minuto que passava. O pequeno e afilado nariz de Ernestine estava tão cor-de-rosa como o de um coelho e, a julgar pelo violento tremor do carnudo lábio inferior de Edwina, era apenas uma questão de tempo até que irrompesse numa torrente de soluços.

As divagações do padre não demorariam a chegar ao fim, deixando Emma sem outra escolha que não prometer a sua devoção e o seu corpo àquele encarquilhado desconhecido.

Lançou um olhar esgazeado para trás e perguntou-se o que fariam todos os circunstantes se levantasse a bainha de renda do vestido de seda e se precipitasse para a porta da abadia. Ouvira muitas histórias admonitórias de viandantes incautos que desapareciam na paisagem inóspita das Terras Altas escocesas para nunca mais voltarem a ser vistos ou ouvidos. Naquele momento, parecia-lhe uma perspectiva extraordinariamente tentadora. Afinal, o seu decrépito noivo não estava propriamente em condições de a perseguir, atirá-la para cima do ombro e carregá-la de volta para o altar.

Como que para sublinhar este facto, o conde começou a pronunciar os seus votos com uma voz rouquejante. Terminou cedo demais e o padre ficou a olhar para ela, expectante.

Tal como as restantes pessoas na abadia.

Uma vez que o silêncio se arrastava, uma das mulheres murmurou:

— Ai que a pobre rapariga está dominada pela emoção!

— Se ela desfalecer, ele não vai ser capaz de a amparar sem dar cabo das costas — sussurrou a mulher ao lado dela.

Emma abriu a boca e voltou a fechá-la. Tinha ficado seca como algodão, o que a obrigou a humedecer os lábios com a ponta da língua antes de fazer outra tentativa para falar. O padre pestanejou, fixando-a através dos óculos com armação de aço com uma compaixão no olhar que a deixou perigosamente perto de um ataque de choro.

Emma relanceou uma vez mais por cima do ombro, porém, desta vez, não foi a mãe nem as irmãs quem capturou o seu olhar, mas sim o pai.

Não havia dúvidas acerca da expressão suplicante nos seus olhos. Olhos exatamente com o mesmo tom azul-escuro dos dela. Olhos que pareciam assombrados e aprisionados havia demasiado tempo. Ela seria capaz de jurar que o tremor nas suas mãos tinha diminuído desde que o conde rubricara o acordo de preço da noiva. Nem por uma vez o vira a levar a mão ao cantil que trazia sempre no bolso do colete desde que ela tinha aceitado o pedido de casamento do conde.

No sorriso de incentivo do pai, Emma viu o vislumbre de outro homem — um homem mais novo, com olhos límpidos e mãos firmes, cujo hálito cheirava a hortelã e não a álcool. Ele pegava-lhe, levantava-a até à altura dos seus ombros para uma viagem alucinante e ela sentia-se rainha de tudo o que via, não apenas uma fedelha imunda com os joelhos esfolados e um sorriso de criança desdentada.

Além disso, viu algo nos olhos do pai que não via há muito tempo: esperança.

Emma voltou a olhar para o noivo e endireitou os ombros. Não obstante o que quem observava pudesse acreditar, ela não tinha intenção de chorar nem de perder os sentidos. Sempre se orgulhara de ser feita de uma fibra mais rija. Se tinha de se casar com aquele conde para assegurar o futuro e a sorte da família, então com aquele conde se casaria. E faria o que pudesse para ser a melhor esposa e condessa que a fortuna — e o título — do conde pudesse comprar.

Estava a abrir a boca — completamente preparada para prometer amá-lo, respeitá-lo e obedecer-lhe, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte os separasse — quando as portas duplas de carvalho orladas de ferro se abriram com estrondo no fundo da abadia, deixando entrar uma rajada de ar invernosos e doze homens armados.

A abadia irrompeu num coro de gritos e sobressalto. Os homens dispersaram-se pelos bancos com uma determinação sombria espelhada nos rostos hirsutos, de pistolas em punho, prontos para reprimir qualquer sinal de resistência.

Em vez de medo, Emma sentiu um fogacho ridículo de esperança a acender-se no seu coração.

Quando o clamor serenou, Ian Hepburn correu arrojadamente à nave central da abadia e colocou-se entre as ameaçadoras bocas das armas dos intrusos e o seu tio-avô.

— O que significa isto? — gritou, fazendo a voz clara ecoar no teto abobadado. — Não têm respeito pela casa do Senhor, seus selvagens?

— E que senhor será esse? — respondeu um homem com uma pronúncia escocesa tão profunda e rica que Emma sentiu um arrepio involuntário. — Aquele que formou estas montanhas com as Suas próprias mãos ou aquele que acredita que nasceu com o direito de as governar?

Emma sobressaltou-se, tal como os demais circunstantes, quando o dono da voz entrou pela porta principal da abadia montado num imponente cavalo preto. Ouviu-se um burburinho de estupefação à medida que os convidados do casamento se encolhiam e afastavam nos bancos, lançando olhares ansiosos iluminados por um misto de emoção e fascínio. Por estranho que fosse, o olhar de Emma não estava petrificado pelo magnífico animal, de brilhantes arreios e crina cor de ébano a menear-se ao sabor do vento, mas pelo homem sentado no seu possante dorso.

O longo e abundante cabelo negro acompanhava o contorno do rosto bronzeado, num contraste marcante com o verde glacial dos olhos. Apesar do frio, vestia apenas um *kilt* de lã verde e preto, um par de botas acordoadas e um colete castanho de couro coçado que lhe deixava o peito, largo e liso, exposto aos elementos. Dominava o cavalo como se tivesse nascido sobre a sela, e os seus ombros poderosos e braços musculados revelavam uma

quase total ausência de tensão quando conduzia o animal pelo corredor, obrigando Ian a desviar-se atabalhoadamente para trás para não ser pisado pelos seus cascos letais.

Ao seu lado, Emma ouviu o conde sibilar por entre os dentes cerrados.

— *Sinclair!*

Virou-se e viu o rosto do noivo a tingir-se rapidamente de cor, retorcido de ódio. A julgar pela saliente veia roxa a pulsar na têmpora, poderia não sobreviver ao casamento, quanto mais à noite de núpcias.

— Lamento interromper este momento tão ternurento — disse o intruso sem qualquer vestígio de remorsos enquanto puxava as rédeas para que o cavalo parasse a meio do corredor com uma cabriola —, mas decerto não estaria à espera de que eu fosse capaz de resistir a passar por aqui para o cumprimentar em tão importante ocasião. O meu convite deve ter-se perdido no correio.

O conde brandiu um punho débil na direção do homem.

— O único convite que qualquer Sinclair poderá receber da minha parte é uma ordem de prisão do magistrado e um encontro com o carrasco.

Em reação à ameaça, o homem limitou-se a arquear uma sobranceira desconcertada.

— Tinha tão grandes esperanças que da próxima vez que atravessasse a porta desta abadia fosse para assistir ao seu funeral e não a mais um casamento... Mas o senhor sempre foi um bode velho cheio de tesão. Devia ter calculado que não seria capaz de resistir a comprar outra noiva para lhe aquecer a cama.

Pela primeira vez desde a entrada de rompante na abadia, o olhar escarninho do estranho virou-se para Emma. Só aquele breve momento foi suficiente para provocar um ardente rubor nas bochechas alvas de Emma, sobretudo porque as palavras que acabava de proferir ressoavam com uma verdade inegável e reprovadora.

Desta vez, foi quase um alívio quando Ian Hepburn procurou interpor-se de novo entre eles.

— Podes ridicularizar-nos e fazer de conta que estás a vingar os teus antepassados como sempre fizeste — disse ele com o lábio superior retorcido de desprezo —, mas toda a gente nesta montanha sabe que os Sinclairs nunca foram mais do que assassinos e ladrões. Se tu e os facínoras que te acompanham vieram para despojar os convidados do meu tio das suas joias e bolsas, porque é que não se despacham de uma vez por todas e param de gastar o vosso fôlego e o nosso tempo?

Com uma força surpreendente, o noivo de Emma passou por ela com um empurrão que quase a derrubou.

— Não preciso que o meu sobrinho combata as minha batalhas, Jamie Sinclair. Não tenho medo de si, seu fedelho insolente — barafustou, passando decidido ao lado do sobrinho com um punho ossudo ainda levantado. — Faça o seu pior!

— Oh, não vim aqui por sua causa, seu velho caquético. — Um sorriso indolente rasgou os lábios do intruso ao puxar de uma reluzente pistola preta da cintura do *kilt* e ao apontá-la ao corpete marmóreo do vestido de Emma. — Vim pela sua noiva.

❧ *Capítulo 2* ❧

Quando Emma fixou os glaciais olhos verdes do estranho sobre a boca da pistola, lembrou-se subitamente de que havia piores destinos do que casar com um velho enfraquecido. As densas e longas pestanas que envolviam aqueles olhos não ajudavam em nada a disfarçar a ameaça velada que brilhava nas suas profundezas.

Ao ver a pistola apontada ao peito da filha, a mãe de Emma pôs a mão à frente da boca para abafar um grito estridente. Elberta e Edwina agarraram-se uma à outra, fazendo tremer os ramos de violetas de seda dos chapéus a condizer e arregalando os olhos azuis em choque, ao mesmo tempo que Ernestine apalpava a sua bolsinha de pano em busca de saís aromáticos.

O pai de Emma levantou-se num pulo, mas não deu nenhum sinal de pretender abandonar o banco. Era como se estivesse paralisado por alguma força mais poderosa do que a devoção que tinha pela filha.

— Ouça lá — atirou, pousando as mãos trémulas no banco à sua frente —, o que diabo quer isto dizer?

À medida que o padre recuava em direção ao altar, distanciando-se deliberadamente de Emma, o conde baixava o punho cerrado e arrastava os pés para trás, devagar, deixando um espaço claro entre o coração de Emma e a pistola carregada. A julgar pelo silêncio expectante que se abateu sobre os restantes

convidados, Emma e Sinclair poderiam ser as únicas duas almas na abadia. Emma pensou que seria necessária alguma resposta da sua parte, que deveria desfalecer ou irromper em lágrimas ou suplicar gentilmente pela sua vida.

No entanto, saber que isso seria exatamente o que o vilão estaria à espera que ela fizesse deu-lhe a coragem para temperar o pavor que crescia dentro de si e, com aprumo e altivez, levantar o queixo para fitar os olhos implacáveis de Sinclair com um brilho desafiante no olhar. Enterrou os dedos no ramalhete de flores que trazia para esconder o violento tremor das mãos, libertando o penetrante perfume de urze das flores aromáticas. Durante um segundo fugaz, perpassou por aqueles olhos verdes frios como gelo um lampejo de uma outra sensação — uma sensação que poderia ser de júbilo... ou de admiração.

Era a vez de Ian Hepburn passar decidido pelo tio, de olhos negros a dardejar de desprezo. Parou a uma distância prudente do homem a cavalo.

— Quer dizer que agora te rebaixas ao nível de profanar igrejas e ameaçar disparar sobre mulheres indefesas e desarmadas. Calculo que não deveria ter esperado nada melhor de um escroque como tu, *Sin* — acrescentou, pronunciando o nome entre os dentes cerrados como se fosse o mais vil dos epítetos.

Sinclair tirou os olhos de Emma por breves momentos para os colocar em Ian, de pistola bem segura na mão.

— Assim sendo, não vais ficar desiludido, pois não, velho amigo?

— *Não sou teu amigo!* — gritou Ian.

— Não — respondeu Sinclair com tranquilidade, com uma inflexão na voz que poderia denunciar amargura ou pena. — Talvez nunca o tenhas sido.

Mesmo em retirada, o conde manteve o tom desafiante.

— O senhor é a prova viva de que é preciso mais do que estudar na Universidade de St. Andrews para transformar uma ratazana da montanha num cavalheiro! O seu avô deve sentir

uma tremenda amargura por saber que enviá-lo para a universidade foi um desperdício dos seus preciosos cobres. Cobres certamente roubados dos meus cofres por este bando de gentalha desprezível!

Os insultos do conde não pareceram perturbar Sinclair.

— Não lhe chamaria exatamente um desperdício. Se eu não tivesse ido para St. Andrews, poderia nunca ter travado conhecimento aqui com o seu sobrinho. — Esta afirmação valeu-lhe um novo olhar furioso de Ian. — Mas não deixarei de transmitir os seus cumprimentos ao meu avô da próxima vez que o vir.

Afinal aquele bandido vivera entre pessoas civilizadas durante algum tempo, o que poderia ser a razão pela qual as arestas mais marcadas da sua pronúncia tinham sido limadas, deixando-a ainda mais perigosamente sedosa e musical aos ouvidos de Emma.

— E o que está a planear fazer, seu cão miserável? — perguntou o conde. — Não me diga que veio precipitar a sua inevitável viagem para o inferno assassinando a minha noiva a sangue frio no altar de uma igreja?

Emma deixou-se inquietar ao verificar que o seu devoto noivo não parecia particularmente apreensivo com essa perspectiva. Com o título e património que tinha, Emma acreditava que não lhe seria especialmente difícil encontrar outra noiva. Ernestine e Elberta tinham quase idade suficiente para casar. Talvez o pai fosse autorizado a manter o preço da noiva pago pelo conde se lhe desse a escolher uma das duas raparigas para que a cerimónia continuasse sem mais interrupções.

Depois de limpar o seu sangue do chão, claro está.

Emma deixou escapar um pequeno riso abafado que mais pareceu um soluço. Tinha evitado desfalecer ou suplicar pela sua vida, mas acabava a ver-se perigosamente perto da histeria. Começava a perceber que poderia realmente morrer ali, às mãos daquele desconhecido impiedoso, uma noiva virgem que nunca conhecera a verdadeira paixão ou o toque apaixonado de um amante.

— Ao contrário de alguns — disse Sinclair com marcada polidez —, não tenho por hábito assassinar mulheres inocentes. — Um sorriso terno, de certa forma mais perigoso do que qualquer esgar de desprezo ou ameaça, assomou-lhe aos lábios. — Eu disse que tinha vindo pela sua noiva, Hepburn, não que tinha vindo para a matar.

Emma percebeu as suas intenções uma fração de segundo antes dos demais circunstantes na abadia. Era bem patente na quadratura no maxilar cerrado de Sinclair, na tensão que subia pelas coxas musculadas, na forma como os poderosos punhos seguravam o couro coçado das rédeas.

Ainda assim, não podia fazer mais do que ficar ali pregada às lajes, paralisada pela determinação crua do olhar semicerrado do homem.

Tudo aconteceu no que não pareceu mais do que um instante. Sinclair cravou os calcanhares nas ilhargas do cavalo. O animal lançou-se para a frente, os olhos a rodopiar sem controlo e as narinas a intumescerem. Disparou a toda a velocidade pelo corredor da abadia em direção a Emma. A sua mãe soltou um grito arrepiante e sucumbiu desamparada num desmaio. O padre escondeu-se atrás do altar, com a batina preta a agitar-se atrás de si como se de asas de um corvo se tratasse. Emma tapou o rosto com os braços, pronta para ser esmagada por aqueles cascos fulgurantes.

No último segundo possível, o cavalo desviou-se para a esquerda e Sinclair inclinou-se para a direita. Com um poderoso braço envolveu a cintura de Emma e arrebatou-a no ar, deitando-a de barriga para baixo no seu colo como se ela não pesasse mais do que um saco de batatas bichentas e deixando-a completamente sem fôlego. Ainda estava a tentar recuperar o alento quando ele rodou o cavalo num pequeno círculo, forçando o animal a apoiar-se sobre as pernas posteriores e a fazer uma alucinante pirueta. Quando os cascos mortais socaram o ar, Emma soltou o que pensou ser o seu último fôlego, esperando que o cavalo caísse de costas e os esmagasse a ambos.

Mas o seu sequestrador tinha outra ideia. Moveu as rédeas com força bruta e fez uso de extraordinária destreza para forçar a criatura a render-se à sua vontade. O animal soltou um relincho ensurdecedor. Os cascos da frente bateram com estrondo no chão, soltando-se faíscas das ferraduras ao embaterem nas lajes.

A voz forte de Sinclair ouviu-se em toda a abadia não obstante os guinchos estridentes e os frenéticos gritos de terror que ecoavam pelo teto abobadado. As suas palavras, todavia, tinham apenas o conde como destinatário.

— Se a quiser de volta intacta, Hepburn, vai ter de pagar e pagar bem! Pelos seus próprios pecados e pelos pecados dos seus antepassados. Não a devolverei até que me restitua o que é meu por direito.

Depois bateu com as rédeas no dorso do cavalo, lançando o animal numa corrida desenfreada corredor da abadia afora. Atravessaram a entrada e passaram pelas lápides irregulares do cemitério a toda a brida, num galope poderoso que levava Emma para cada vez mais longe de qualquer esperança de resgate.

❧ *Capítulo 3* ❧

Emma não seria capaz de dizer que distância percorreram e durante quanto tempo viajaram. As tremendas sacudidelas que sentia sempre que os cascos embatiam na erva gelada iam soltando os alfinetes com cabeça de âmbar com que a aia tinha tão meticulosamente prendido os seus caracóis rebeldes enquanto estava sentada à frente do espelho naquela manhã. Não demorou muito até que os fios de cabelo caídos pendessem sobre o seu rosto como uma cortina que lhe toldava a visão.

Tinha apenas uma muito vaga impressão de que havia outros cavalos à sua volta, outros cascos a embaterem no chão a um ritmo tão implacável como o do cavalo em que seguia. Provavelmente, os homens de Sinclair tinham saltado para cima dos seus cavalos à porta da abadia para se juntarem à sua fuga temerária.

A velocidade estonteante a que seguiam impedia-a de opor algum tipo de resistência. Se tentasse lançar-se do cavalo a meio do galope, era certo que quebraria todos os ossos do seu corpo na queda.

A posição pouco digna em que se encontrava teria sido ainda mais precária se não fosse a grande e quente mão masculina firmemente ancorada na sua região lombar, escandalosamente perto da suave intumescência das nádegas. Era apenas a pressão constante daquela mão que a impedia de se balançar no colo

do seu sequestrador como uma das adoradas bonecas de trapos de Edwina.

Mesmo com aquela proteção duvidosa, não havia qualquer garantia de que o próximo salto do cavalo não lhe viesse a estilhaçar uma costela mais frágil ou que o seu crânio não viesse a abrir-se ao embater numa das árvores que os seus olhos viam com intermitência no meio do frenesi. Enquanto a paisagem indistinta lhe passava a correr a uma velocidade alucinante diante dos olhos, ela conseguia sentir o movimento dos músculos das poderosas coxas do seu sequestrador. Sinclair conduziu o cavalo por entre bosques cerrados, matas e terreno descoberto como se ele e o animal fossem um só.

Quando os cascos do animal deixaram o terreno musgoso e se lançaram num voo que os levou a deslizar por uma ravina profunda, Emma sufocou um grito estrangulado e cerrou os olhos o mais que pôde. Ousando voltar a abri-los, viu que estavam a seguir pelo limiar de um íngreme despenhadeiro. Vislumbrou a vertiginosa descida até ao vale e os contrafortes ondulados encimados pelas torres ameadas de pedra do Castelo de Hepburn. O medo que sentia transformou-se em terror arrepiante ao dar-se conta da distância que já tinham percorrido desde a abadia e da civilização.

Cavalgaram durante tanto tempo que Emma não ficaria surpreendida se lhe dissessem que estavam a chegar às portas do próprio inferno; mas quando Sinclair puxou finalmente as rédeas e o cavalo passou a seguir num trote doloroso e, depois, num passo incerto, não foi o cheiro fétido a enxofre que fez o nariz de Emma contorcer-se, mas o aroma fresco dos cedros.

Emma não sabia bem o que esperava que acontecesse uma vez chegados àquele destino desconhecido, mas decerto não era ser empurrada da sela sem cerimónias. Enquanto Sinclair passou com uma das longas pernas por cima do dorso do cavalo para saltar do animal com desenvolta elegância, ela cambaleou para trás e por pouco não caiu. Sentia as pernas fracas

e bambas, tal como acontecera no dia em que o pai levava a família a velejar em Brighton, naquele verão em que a sorte na mesa do jogo de faraó haveria de mudar para pior e sair-lhe cara.

Emma recuperou o equilíbrio e deu por si no meio de uma espaçosa clareira coberta por um céu cinzento e turvo e rodeada de um frondoso bosque de árvores de folha persistente. Os ramos folhosos atenuavam a força do vento, que sussurrava em vez de assobiar.

Ali, onde até o próprio ar cheirava a liberdade, ela era mais prisioneira das circunstâncias do que nunca.

Concluída a penosa viagem, Emma deveria sentir algum tipo de alívio, mas ao afastar os caracóis emaranhados da frente dos olhos para confrontar o homem que passara a ser o dono do seu destino, receou poder estar prestes a sofrer consequências de outra índole.

Sinclair estava em pé do outro lado do cavalo, desapertando com mãos hábeis a cilha de latão que mantinha a sela no lugar. O longo e desgrenhado cabelo preto caíra para cada um dos lados do rosto, ensombrando e cobrindo a sua expressão.

Tensa e ansiosa, Emma ficou paralisada, enquanto ele arrastava a pesada sela com um esforço que só os protuberantes músculos dos braços denunciavam. Sinclair atirou a sela para cima de um monte de caruma antes de regressar para puxar o freio da garganta lustrosa do cavalo.

Os homens de Sinclair tinham parado os respetivos cavalos a uma distância respeitosa e estavam a desarreá-los com a mesma desenvoltura. Embora alguns tivessem a ousadia de lançar alguns olhares de soslaio e de sussurrar entre si, era quase como se estivessem a imitar a indiferença do líder.

Emma sentia que o seu estado de apreensão começava a transformar-se em raiva. Esperava que Sinclair a aterrorizasse, não que a ignorasse. Ele dedicava-se às suas tarefas corriqueiras como se não tivesse acabado de, sob ameaça de arma, a seqüestrar brutalmente tanto do seu casamento como do seio da sua família.

Emma lançou um olhar de relance para trás, perguntando-se se ele iria sequer notar se ela desse meia-volta e começasse a correr em busca de liberdade.

— Se fosse a si, não pensava nisso — disse ele calmamente.

Surpreendida, Emma voltou a virar a cabeça para a frente num movimento brusco. Sinclair passava uma escova pelas ilhargas palpitantes do cavalo, toda a sua atenção aparentemente centrada na tarefa. Era como se tivesse adivinhado os pensamentos e a direção do olhar dela com um sentido mais profundo do que a audição ou a visão.

Ainda assim, Emma teve uma leve sensação de vitória. Pelo menos, provara que ele não estava tão indiferente à sua presença como dava a entender.

— Como sua refém, não é isso que estou obrigada a fazer? — Emma teve dificuldade em esconder o requebro na voz. — Tentar fugir das suas garras abomináveis?

Ele encolheu um ombro possante.

— Porque haveria de perder-se em esforços vãos, rapariga? Não daria dez passos sem que eu a detivesse.

— Como? Alvejando-me pelas costas?

Sinclair olhou finalmente para ela, o ligeiro arco de uma sobrancelha preta a adverti-la de que não conseguira fazer mais do que diverti-lo.

— Isso seria um desperdício de boa pólvora, não acha? Sobretudo quando é mais valiosa para mim viva do que morta.

Emma fungou.

— Fico enternecida, senhor, mas receio que me tenha mostrado o seu jogo. Sabendo que não tem intenção de me matar, o que me irá impedir de tentar fugir?

Sinclair contornou o cavalo, os passos tão calmos e decididos como a voz.

— Eu.

Emma tinha finalmente conseguido atrair a atenção de Sinclair, mas tinha razões para se arrependar da impertinência.

Com o coração a começar a bater desgovernadamente no peito, recuou titubeante sabendo que, por muito que se afastasse, não tinha esperança de lhe escapar. Ele era tudo o que o seu noivo não era: jovem, musculado, viril... perigoso.

Sinclair podia não ter qualquer intenção de a matar, mas havia outras coisas que lhe podia fazer e que muitos considerariam piores.

Muito piores.

As costas de Emma embateram num tronco nodoso de pinheiro, pelo que não lhe restou outra escolha que não manter-se firme em face da aproximação inevitável de Sinclair. O ar do despenhadeiro devia ser mais rarefeito. Quanto mais ele se aproximava, com menos fôlego ela ficava. Quando a sombra de Sinclair se abateu sobre si, bloqueando a suave luz do dia, Emma estava completamente atordoada.

Acreditava que aqueles olhos verde-claros envolvidos pelas pestanas pretas eram o traço mais atraente de Sinclair, mas, depois de ele se aproximar, deixou de ter a certeza. O homem podia não passar de um vulgar bandido, mas tinha as maçãs do rosto altas e largas de um rei. O nariz era tão reto como uma espada e as narinas abriam-se ligeiramente sobre um par de lábios cheios e quase pecaminosamente sensuais. Uma covinha quase impercetível sombreava-lhe o queixo.

Sinclair encostou as mãos ao tronco da árvore sobre a cabeça de Emma, dobrou-se e aproximou os lábios de tal forma dos seus ouvidos que ela conseguia sentir o calor a irradiar de cada centímetro do seu corpo musculado. Assim que o aroma quente e másculo a almíscar lhe invadiu os sentidos, o medo e o aturdimento que Emma sentia intensificou-se perigosamente.

Não obstante a aspereza superficial, a voz de Sinclair era suave como veludo a acariciar-lhe a orelha. A mensagem não era para ser ouvida pelos seus homens, mas apenas por ela.

— Se decidir fugir, vou ter de lhe pôr as mãos em cima. Por isso, a menos que a perspectiva seja do seu agrado, que pode

muito bem ser, é melhor pensar duas vezes antes de tentar escapar.

De seguida, o calor protetor do corpo de Sinclair desapareceu e Emma ficou novamente exposta ao contundente ar frio da montanha. Com o corpo a ser dominado por um calafrio incontrollável, que se devia mais à terna ameaça de Sinclair do que ao ar agreste, viu-o regressar para junto do seu maldito cavalo como se nada no mundo o preocupasse.

Emma olhou de esguelha para os outros homens e verificou que aquela breve troca de palavras tinha juntado algum público. Um homem pálido com uma pera escura chegou até a atrever-se a acotovelar um companheiro e a soltar uma sonora gargalhada.

— Não precisa de ser presunçoso, senhor — retorquiu Emma para Sinclair, o orgulho ferido a pôr o medo de lado. — Desconfio que a sua vitória não vai durar muito tempo. Provavelmente o conde está neste preciso momento a notificar as autoridades e a enviar os seus próprios homens para me virem resgatar.

— Assim que subirmos esta montanha até uma altura suficiente, nunca nos encontrará e ele sabe muito bem disso — replicou Sinclair por cima do ombro. — Nunca ninguém encontra um Sinclair se ele não quiser ser encontrado. Nem um Hepburn. Mas não se preocupe, menina — acrescentou num tom de ligeiro escárnio —, se tudo correr como planeado, voltará para os braços do seu adorado noivo antes que a cama dele arrefeça. Ou, pelo menos, antes que fique mais fria do que já está.

Quando Sinclair regressou à tarefa de escovar o cavalo, os homens dele soltaram gargalhadas de aprovação. Emma cruzou os braços para conter um calafrio, enregelada até aos ossos ao descobrir que o desprezo do sequestrador não era apenas pelo conde.

Sequestrar noivas era uma tradição consagrada nas Terras Altas escocesas, mas James Alastair Sinclair nem em sonhos pensara vir a ser levado a sequestrar a noiva de outro homem. Havia

muito tempo que se dizia à boca pequena que o seu próprio trisavô, MacTavish Sinclair, sequestrara a noiva de 15 anos das mãos do pai encolerizado durante uma incursão para roubo de gado quando tinha apenas 17 anos. Ela recusou-se a falar com ele até depois do nascimento do primeiro filho de ambos e, depois, passou os 46 anos seguintes do casamento a tagarelar incessantemente, para compensar. Quando, com a propecta idade de 63 anos, ele morreu durante o sono, ela chorou inconsolavelmente e faleceu alguns dias mais tarde, segundo alguns, de coração partido.

Jamie só podia dar graças pelo facto de o seu coração nunca ter estado em semelhante perigo.

À medida que as nuvens se dissipavam e as estrelas começavam a iluminar o céu noturno, os seus homens esvaziaram o jarro de barro de whisky escocês que ia passando de mão em mão e estenderam-se nas camas improvisadas com cobertores de enrolar. Jamie agachou-se ao lado da fogueira, encheu uma tigela com uma concha de guisado de coelho a ferver e lançou um olhar cauteloso para a sua cativa.

Emma estava sentada numa rocha no limiar das árvores a evitar o calor sedutor da fogueira e a companhia de Jamie. As sombras dos ramos que pendiam sobre a sua cabeça marcavam-lhe o rosto como feridas. Caíra-lhe do cabelo o último dos alfinetes, deixando-o solto em redor do rosto como uma juba desgrenhada de caracóis acobreados. Abraçava o próprio corpo com os braços magros, já que os farrapos sujos de terra do que fora um elegante vestido não eram proteção bastante contra o vento incisivo da montanha. Apesar da postura de desesperança, a boca suave e o pequeno queixo afilado continuavam a apresentar um trejeito de desafio. O olhar estava fixado nas chamas crepitantes da fogueira do acampamento atrás de Jamie, como se de alguma maneira ela fosse capaz de o fazer desaparecer, bem como aos homens que o acompanhavam, pura e simplesmente ignorando a sua presença.

Jamie franziu o sobrolho. Esperava que a noiva do conde fosse uma jovem flor de estufa inglesa delicada, mortíça, sem dois dedos de testa e assustadiça. Sabendo o que sabia sobre os Hepburns, assumira que o velho diabo teria escolhido propositamente a rapariguita mais atreita a morrer depois do parto, poucos minutos após despejar a cria enroscada nas mãos da ama de leite que a haveria de criar.

Aquela demonstração obstinada de fibra apesar do medo que sentia — tanto na abadia como na clareira — deixara-o apreensivo e tocado por uma ponta de admiração que não podia permitir-se sentir. Afinal de contas, para ele a rapariga não passava de um meio para alcançar um fim; um inconveniente temporário de que se poderia livrar assim que Hepburn cedesse às suas exigências, o que não deveria demorar mais do que poucos dias.

Jamie sentia que tinha esperado uma vida inteira por aquele momento e que o tempo de que dispunha estava a esgotar-se; no entanto, continuava determinado a dar a Hepburn um ou dois dias para pensar em todos os terríveis destinos que a sua inocente noiva poderia ter às mãos do seu inimigo figadal se não desse resposta às suas exigências.

Uma rajada de vento gélido atravessou os ramos das árvores e fustigou a clareira. Embora para o couro curtido de Jamie não passasse de uma ligeira brisa, a rapariga estremeceu e abraçou-se a si própria com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Jamie desconfiava que Emma já não cerrava os dentes brancos por causa de raiva impotente, mas para os impedir de tiritar.

Praguejando baixinho em gaélico, endireitou-se e encaminhou-se para ela, detendo-se mesmo à sua frente com a tigela de guisado na mão estendida. Ela continuou a olhar em frente, desprezando-o tanto a ele como à sua humilde oferta.

A mão de Sinclair não vacilou.

— Se pretende morrer de fome só para me envergonhar, menina, não vai funcionar. O seu precioso noivo devia tê-la

advertido de que nem eu nem ninguém na minha família tem qualquer tipo de vergonha.

Ele agitou a tigela debaixo do narizinho altivo de Emma, tentando-a deliberadamente com o aroma suculento. O estômago dela traiu-a com um ruído vigoroso. Emma lançou um olhar pleno de ressentimento para Jamie e arrancou-lhe a tigela das mãos.

O escocês ficou a vê-la, dividido entre o triunfo e o regozijo, a usar uma grosseira colher de madeira para engolir sofregamente várias colheradas do pitéu. Foi um prazer inesperado ver a cor regressar às faces de Emma quando o guisado lhe aqueceu a barriga. Jamie tinha ouvido rumores de que a noiva de Hepburn não era uma grande beleza, mas as faces cobertas de sardas e os traços bem esculpidos conferiam-lhe um encanto cativante que poucos homens poderiam negar. Contra a sua vontade, deu por si a olhar para a suavidade dos lábios de Emma à medida que se fechavam à volta da colher e para a graciosidade voluptuosa da pequena língua cor-de-rosa que lhe saía da boca para deixar o utensílio limpo.

Aquela visão inocente despertou-lhe uma fome surpreendente no fundo da barriga. Com receio de que também a sua barriga começasse a rugir, deu meia-volta para se afastar.

— Durante quanto tempo serei sua prisioneira, senhor? — questionou Emma.

Com um suspiro, Jamie virou-se para olhar para ela.

— Vai depender do valor que o seu noivo lhe dá, não é assim? Talvez seja mais fácil suportar o seu fado se tentar pensar que é minha convidada.

Emma franziu o nariz, chamando a atenção de Jamie para a constelação de sardas cor de canela que lhe polvilhava a cana do nariz.

— Então teria de lhe dizer que a sua hospitalidade deixa muito a desejar. A maioria dos anfitriões — por mais mesquinhos que sejam —, ofereceria pelo menos um teto ao convidado. Bem como quatro paredes para que não morra de frio.

Apoiando um pé sobre um tronco caído, Jamie inclinou a cabeça para trás para estudar a curva anil de céu noturno.

— As nossas paredes são os ramos protetores dos pinheiros e o nosso teto a cúpula abobadada repleta de pedras preciosas polvilhadas pelo próprio Todo-Poderoso. Desafio-a a procurar uma visão mais esplêndida em qualquer salão de baile de Londres.

Ao ter as suas palavras recebidas com silêncio, voltou os olhos para ela de soslaio e apanhou-a a olhar ironicamente para a sua silhueta e não para o céu. Ela baixou os olhos rapidamente, escondendo-os debaixo da curva cautelosa das pestanas arruivadas.

— Esperava apenas mais um grunhido impercetível. Parece que o conde estava errado, senhor. A sua educação não foi um desperdício. Pelo menos a julgar pela sua pronúncia.

Ele esboçou uma vénia de escárnio tão perfeita que deixaria qualquer cavalheiro orgulhoso.

— Com tempo e determinação suficientes, rapariga, até um selvagem é capaz de imitar os seus superiores.

— Como o Ian Hepburn? Pelo que disse na abadia, calculo que ele fosse um dos seus superiores na universidade.

— Houve uma altura em que ele me consideraria como um igual, mas isso era quando só me conhecia como o seu querido amigo *Sin*. Assim que o tio lhe disse que eu não passava de um fétido e detestável Sinclair com as unhas sujas de terra e sangue nas mãos, não quis ter mais nada que ver comigo.

— Eu só o conheço há algumas horas e não posso dizer que o possa censurar.

— Ai, rapariga! — exclamou ele, levando uma mão ao peito e lançando-lhe um olhar reprovador. — Deixa-me de coração partido com essa sua língua tão afiadinha. Não haverá nessa sua alma uma pontinha de pena por um pobre escocês ignorante?

Com esperança de esconder o efeito enternecedor que a pronúncia aveludada de Jamie tinha nela, Emma levantou-se para o enfrentar.

— Não me chamo «rapariga». Chamo-me Emmaline. Ou menina Marlowe se o senhor for suficientemente civilizado para respeitar as convenções sociais. O meu pai é um baronete e pertence à pequena nobreza.

Jamie cruzou os braços sobre o peito e resfolegou.

— Nobre o suficiente para leiloar a filha e a entregar ao melhor licitante?

Ela voltou a levantar o queixo, recusando-se a titubear perante o escárnio de Jamie e disse calmamente:

— Ao *único* licitante.

Aquela confissão apanhou Jamie desprevenido. A rapariga podia ser delgada e ter pouco peito, mas os seus encantos femininos eram inegáveis. Se tivesse nascido e crescido naquela montanha, haveria uma fila de pretendentes prontos a arrojarem-se aos seus pés.

— E não precisa de fazer do meu pai algum tipo de vilão ganancioso de um melodrama gótico — acrescentou ela. — Tanto quanto o senhor sabe, eu poderei estar completamente apaixonada pelo conde.

Jamie soltou uma gargalhada.

— E eu poderia ser o Rei da Escócia. — Contrariando o seu melhor discernimento, permitiu-se o arrojado de olhar para ela de cima a baixo. — Só há uma razão para uma mulher como a menina casar com um velho saco de ossos a apodrecer como o Hepburn.

Ela pousou as mãos nos quadris estreitos.

— Ainda há poucas horas me raptou. Como ousa pensar que sabe que tipo de mulher eu sou?

Antes sequer de se aperceber o que iria fazer, Jamie já se tinha aproximado dela o suficiente para passar com os nós dos dedos ásperos pela irresistível suavidade da bochecha de Emma. Ele nunca fora homem de atormentar mulheres, mas havia algo naquela rapariga de língua viperina que lhe dava vontade de lhe pôr as mãos em cima para lhe suscitar algum tipo de reação, mesmo que fosse em seu próprio prejuízo.

Levou a boca ao ouvido dela e baixou deliberadamente a voz até que não passasse de um sussurro rouco.

— Eu sei que ainda é suficientemente nova — e suficientemente graciosa — para precisar de um homem a sério na cama.

Um arrepio que não tinha nada que ver com frio ou com o vento forte eriçou a pele macia de Emma. Ao afastar-se para lhe perscrutar o rosto, Jamie viu que ela o olhava de lábios entreabertos, tremendo timidamente, e com os olhos azuis escuros abertos o bastante para refletirem a lua que se elevava nos céus.

Antes de poder sucumbir ao convite involuntário de Emma, Jamie afastou-se decidido a ir buscar-lhe um cobertor e deixar-se de conversas com ela naquela noite.

As palavras que Emma proferiu de seguida detiveram-no.

— Engana-se acerca do meu pai, senhor. Não é ele que é interesseiro. Sou eu.

Jamie virou-se devagar, os olhos a apertar-se enquanto um formigueiro de cautela lhe subia pela espinha. Tivera aquela sensação muitas vezes no passado, habitualmente poucos segundos antes de ser alvo de uma emboscada por um bando de pistoleiros vagabundos contratados por Hepburn.

A postura da sua cativa já não era de desesperança nem de medo, mas de total desafio. A voz era firme e os olhos frios como o luar prateado que lhe iluminava as maçãs do rosto altas e cobertas de sardas.

— Decerto, até um desordeiro vulgar como o senhor deve saber que a maioria das mulheres entregaria não só o corpo, mas também a alma para casar com um homem tão abastado e poderoso como o conde. Quando for condessa, terei todos os tesouros que qualquer mulher poderá desejar: joias, peles, terras e mais ouro que aquele que conseguirei gastar, ou contar, em toda a minha vida. E posso garantir-lhe que não sentirei falta de um *homem* na minha cama — acrescentou com um meneio desdenhoso com a cabeça. — Depois de lhe dar um herdeiro, estou

certa de que o conde não me negará uma temporada em Londres e um jovem e dotado amante... ou dois.

Jamie limitou-se a olhar para ela durante longos e meditativos instantes antes de dizer:

— Não me chamo «senhor», menina Marlowe. Chamo-me Jamie.

Dito isto, deu meia-volta e deixou-a sozinha, o corpo franzino à mercê do vento flagelante.

❧ Capítulo 4 ❧

Jamie, pensou Emma. *Um nome tão inofensivo para um homem tão perigoso.*

Quando a lua atingiu o pico e começou a descer lentamente, Emma aconchegou-se um pouco mais no ninho de cobertores de lã áspera que o seu sequestrador lhe tinha oferecido. Tinham o cheiro *dele*, uma conclusão que só serviu para acentuar a contundência do seu infortúnio.

O intenso e masculino aroma almiscarado com tons crus a couro, lenha queimada e cavalo deveria ser ofensivo para o seu delicado nariz. A maioria dos homens das suas relações, incluindo o pai e todos os cavalheiros que conhecera durante as três Temporadas Sociais em Londres, dissimulava os seus odores naturais com uma camada sufocante de sabões de barbear e colónias florais. Mal se podia inspirar profundamente ao entrar num salão cheio de dandies encharcados com as águas doces mais populares de cada Temporada, fossem de mel ou de rosas. Em vez de sentir repugnância pelo cheiro exótico de Sinclair, Emma deu por si a inspirar profundamente para o levar até aos pulmões, quase como se o odor tivesse o poder de lhe aquecer o sangue enregelado.

Deu meia-volta. O chão frio e duro era desconfortável como um bloco de pedra. Cada vez que se mexia, uma nova pedra ou galho parecia erguer-se para ferir a sua pele macia. Fosse como

fosse, não era provável que conseguisse adormecer deitada a escassos passos de um grupo de perigosos foragidos no meio da imensidão selvagem da Escócia.

Nem os risonhos embriagados eram capazes de silenciar o eco da sua própria voz escarnekedora: *estou certa de que o conde não me negará uma temporada em Londres e um jovem e dotado amante... ou dois.*

Emma soltou um gemido alto e enterrou a cabeça nos cobertores, perguntando-se o que a teria levado a fazer uma declaração tão extraordinariamente presunçosa. Se conseguira sobreviver à felicidade forçada dos pais e à inveja fingida das irmãs por causa do casamento com o conde, porque haveria a opinião de um estranho sobre ela revelar-se tão aviltante para o seu orgulho?

De alguma maneira, no momento em que, sob o luar, se vira a ser julgada e desprezada pelos olhos frios e avaliadores de Jamie Sinclair, parecera-lhe melhor que ele a visse como uma víbora cobiçosa do que algum tipo de cordeirinho a aceitar submissamente seguir o caminho para o seu destino final. Emma preferia a repugnância à pena de Jamie. Durante alguns preciosos segundos, sentira-se forte, poderosa e dona do seu destino.

Naquele momento, ali deitada, sentia-se apenas ridícula.

Talvez ela fosse capaz de conter o seu mau gênio se ele não continuasse a chamar-lhe «rapariga» daquela forma exasperante. Graças àquela pronúncia de whisky e veludo que ele tinha, a palavra tinha-lhe parecido mais uma carícia do que o insulto demasiado familiar que realmente era. Tinha-a deixado desesperada por estabelecer uma distância entre eles, mesmo que fosse apenas por insistir que ele reconhecesse a sua superioridade moral ao tratá-la por menina Marlowe. Provavelmente, Jamie rir-se-ia na cara dela se soubesse que o seu *nobre* pai estava apenas a uma garrafa de conhaque e a uma ronda desventurada na mesa de faraó de ser atirado para a prisão dos devedores.

Eu sei que ainda é suficientemente nova — e suficientemente graciosa — para precisar de um homem a sério na cama.

RAPTAR A NOIVA DO SEU INIMIGO FOI SIMPLES, MAS CONSEGUIRÁ JAMIE IMPEDIR QUE ELA LHE ROUBE O CORAÇÃO?

Para salvar da prisão o seu pai endividado, Emma Marlowe está prestes a casar-se com o velho conde de Hepburn, fidalgo poderoso, detentor das terras de Hepburn e chefe do mesmo clã. A cerimónia, no entanto, é subitamente interrompida por Jamie Sinclair, que, montado no seu imponente cavalo negro, rapta Emma, sem hesitar. Apesar de inimigo mortal do conde, o misterioso raptor é tudo aquilo que o noivo de Emma não é: belo, viril, audaz... e uma perigosa tentação para o seu coração solitário.

Jamie, por seu lado, contava que Emma fosse apenas uma aborrecida rapariga inglesa de boas famílias, quando, na realidade, se vê a braços com uma beldade impetuosa cujos charmes lhe despertam constantemente sentimentos inesperados. Contudo, Jamie sabe que são inimigos e que ela não passa de um simples peão no sangrento conflito entre os clãs Hepburn e Sinclair. Por que motivo, então, não consegue ele parar de desejá-la?

«Inteligente e encantador, com uma personagem principal independente e cativante.»

PUBLISHERS WEEKLY

LEIA
TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-671-5



9 789895 646715

Ficção Romântica